

O problema da identidade nacional em *Triste fim de Policarpo Quaresma*

Manoel Freire¹

RESUMO: Segundo Antonio Candido, o nacionalismo literário foi a diretriz básica do Romantismo brasileiro, e encontrou no romance a sua forma de expressão “mais adequada”. E é justamente no romance romântico que se forjam nossos mitos fundadores e se cria um repertório de símbolos e imagens que representariam a identidade nacional, conforme Zilá Bernd. Neste trabalho propõe-se uma reflexão acerca da problemática da identidade nacional *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, cujo protagonista, orientado por leituras de orientação nacionalista, idealiza o Brasil a partir de uma visão ufanista. Pretende-se demonstrar que o romance de Lima Barreto, ao apresentar um herói fracassado em todos os seus projetos de orientação nacionalista, apresenta uma visão dessacralizadora da nossa mitologia romântica, questionando assim as bases idealistas da identidade nacional.

Palavras-chave: Lima Barreto, literatura brasileira; identidade nacional.

The national identity problem in *Triste fim de Policarpo Quaresma*

ABSTRACT: According to Antonio Candido, the literary nationalism was the basic guideline of Brazilian Romanticism, and it found in the novel its way to a "more appropriate" expression. And it is in romantic novel that our founding myths are forged and that a repertoire of symbols and images are created to represent the national identity, as said by Zila Bernd. This paper proposes a reflection on the issue of national identity in *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, by Lima Barreto, whose protagonist, driven by readings of nationalist orientation, idealizes Brazil from an uphanist vision. We intend to demonstrate that the novel by Lima Barreto, in presenting an unsuccessful hero in all his projects of nationalist orientation, provides a dissacralized overview of our romantic mythology, questioning the idealistic bases of national identity.

Key words: Lima Barreto; Brazilian literature; national identity.

¹ Professor de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Campus de Pau dos Ferros). Mestre em Letras (Literatura Comparada) pela UFRN e Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas.
manoelfrr@gmail.com

1. O NACIONALISMO ROMÂNTICO

No Brasil, o problema da identidade nacional, embora de algum modo tenha sido posto pelos movimentos separatistas durante o período colonial, vai tornar-se motivo central dos debates no meio político e intelectual a partir da Independência. Esta trouxe como consequência imediata a necessidade de novas referências, pois era preciso um novo sistema de valores que substituísse os padrões coloniais e constituísse “a identidade” da jovem nação. Nesse processo a literatura teve um papel fundamental, cabendo aos nossos escritores a missão de “mapear o país”, e assim descrever e interpretar a vida nacional (Cf. CANDIDO, 1997). Esse empenho da literatura brasileira em definir um conjunto de referências para o jovem país constitui o que Antonio Candido denominou de “nacionalismo literário”, tendência que prevaleceu durante o Romantismo, cujo projeto era criar uma literatura nacional e ao mesmo tempo forjar a identidade da nação, em sintonia, portanto, com o ideário político pós-independência. É neste sentido que “a literatura foi considerada parcela dum esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação” (CANDIDO, 1997, p. 12), constituindo-se como a expressão estética de uma aspiração político-ideológica.

A orientação nacionalista, embora seja atributo de toda literatura romântica, encontrou no romance a forma de expressão mais propícia ao seu desenvolvimento, e foi nesse gênero que de fato o nacionalismo literário teve maior alcance, se não pela qualidade estética das obras, mas sem dúvida pela importância que tiveram do ponto de vista histórico e pelo papel que desempenharam na construção da nacionalidade, através dos quadros que traçaram dos vários aspectos da cultura nacional. Ao observar o papel da literatura na construção da consciência nacional, Carmem Figueiredo argumenta que “O romance romântico fez o papel da Sociologia, da Antropologia e até da História, ao mapear geograficamente o país e historicizar um passado, criando elementos de tradição e cultura” (1998, p. 17).

Para Lúcia Lippi de Oliveira (1990), a questão nacional pode ser compreendida a partir de duas perspectivas, uma cultural, outra política. De acordo com a autora, para aqueles que partem de uma perspectiva cultural, a construção da nação está diretamente relacionada aos hábitos, costumes e tradições dos agrupamentos humanos; já para os que adotam um ponto de vista político, a

construção da nação está ligada à conquista da soberania. Esses dois enfoques vão gerar dois tipos de nacionalismo, um nacionalismo cultural e um nacionalismo político, que na prática nem sempre se separam, mas se distinguem pelo conteúdo programático que apresentam. É fácil notar que um enfatiza os elementos simbólicos, enquanto que o outro valoriza os aspectos políticos: “O nacionalismo cultural é entendido como um movimento de idéias e de ação visando à construção simbólica da nação”, em que o “‘espírito ou caráter nacional’ é privilegiado como resultante das forças internas que regem o desenvolvimento espontâneo do povo ou da comunidade”, enquanto que o nacionalismo político “valoriza a ação do legislador, do homem de Estado, como principal fator de constituição da nação” (OLIVEIRA, 1990, p. 29).

Esses dois tipos de nacionalismo caminham paralelamente, haja vista que as produções culturais e as representações no campo simbólico, embora se desenvolvam com relativa autonomia em relação ao contexto político-econômico, são condicionadas pelas forças sociais de um dado momento histórico. Durante o século XIX no Brasil predominou o nacionalismo cultural, que teve na literatura seu principal veículo de criação e propagação, a qual pode construir um ideário nacionalista para além (sem fazer aqui julgamento de valor sobre seus fundamentos) do que se debatia nas esferas institucionais do país. Daí compreende-se porque a predominância do aspecto cultural sobre o político na constituição da nação brasileira é destaca por alguns estudiosos, como é o caso de Afonso Arinos, para quem foi “no terceiro século de colonização que o Brasil, antes de ser Estado, transformou-se claramente em uma nação” (apud OLIVEIRA, 1990, p. 77).

Dentre os romances brasileiros anteriores ao Modernismo, *Triste fim de Policarpo Quaresma* é certamente aquele que melhor dialoga com nossa tradição literária, o que em certa medida o caracteriza como sendo uma leitura da tradição, considerando que as várias tendências que se manifestaram na produção intelectual brasileira são examinadas criticamente pelo narrador de Lima Barreto. Nesta obra, através do percurso do Major Quaresma Lima Barreto empreende uma leitura crítica da tradição literária e do pensamento social brasileiro construído até o século XIX. E como ler a literatura e a historiografia do Brasil oitocentista corresponde a uma leitura dos discursos produzidos em torno da construção da nacionalidade brasileira, pode-se então considerar que o romance em estudo convida o leitor a refletir sobre

aspectos fundamentais da cultura brasileira, particularmente no que se refere à construção da identidade nacional.

Considerado pela crítica o mais bem composto dos romances de Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma* divide-se em três partes, as quais correspondem às três fases da trajetória do protagonista, que se referem à sua atuação em três esferas (cultural, econômica, política) da vida brasileira. Há uma simetria entre estruturação do romance e o campo relacional de atuação do herói, o que sugere a “homologia estrutural” referida por Goldmann (1976), aspecto importante para a leitura da obra. Cada uma das três partes contém cinco capítulos, todos com mais ou menos a mesma extensão, e tal simetria sugere certa homologia com a fisionomia psicossocial e ideológica do personagem central. O Major Quaresma, por ser inteiramente dedicado aos estudos e adepto incondicional do método e do saber científicos, contrasta com o meio que habita pelo seu modo de vida. Seus hábitos obedecem ao rigor metódico próprio dos laboratórios científicos, e tal é a regularidade com que realiza suas tarefas que chega a ser comparado pelos seus vizinhos a um astro, ou a um fenômeno da natureza que acontece com regularidade: “Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia”, repetindo-se o mesmo movimento no mesmo percurso, em que o personagem, “Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão da padaria francesa”. Trajeto que fazia sempre no mesmo horário e durante o mesmo intervalo de tempo, pois “às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze”, pairando acima das contingências, “como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito” (BARRETO, 1997, p. 9).²

A trajetória de Policarpo Quaresma é orientada pelo patriotismo, sentimento que inspira seus projetos e traz as decepções que o personagem vai colhendo ao longo da vida, toda ela dedicada à pátria e à busca de “remédios” para engrandecê-

² Todas as citações do romance foram extraídas desta edição, e a partir de agora será mencionado apenas o número da página, salvo quando o contexto suscitar dúvidas quanto à obra a que a citação se refere.

la, o que se faz por tentativas diversas. Todas as ações do Major Quaresma são realizadas no sentido de construir uma grande nação (para ele uma pátria), e isso o leva a empreendimentos ousados e extravagantes, de modo que todos os seus projetos redundam em fracasso.

2. NO SILÊNCIO DA BIBLIOTECA

Um elemento dos mais importantes para interpretação do romance é a biblioteca de Policarpo Quaresma, pois é a partir dela que se desencadeiam todos os atos do personagem, uma vez que suas atitudes são orientadas pelo nacionalismo e pelo patriotismo, sentimentos que são gerados e nutridos no espaço da biblioteca, onde Quaresma passa a maior parte da vida, exilado e isolado do mundo. Seu nacionalismo resulta, portanto, de longos anos de leituras e estudos sobre as coisas do Brasil, e é no silêncio da biblioteca que fortalece o seu amor pela pátria. O narrador apresenta a biblioteca de Policarpo como um templo da “religião” nacionalista:

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da *Prosopopéia*, o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nenhum dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major. (BARRETO, p. 13).

Vê-se aí o corpo doutrinário que orienta o pensamento do Major Quaresma e ao mesmo tempo guia suas atitudes, que vão cada vez mais se extremado no espírito nacionalista. Através da biblioteca o romance estabelece um diálogo com a literatura e com a tradição, problematizando aspectos importantes da cultura brasileira, sobretudo aqueles referentes ao projeto de construção da nacionalidade, questão central da prosa de ficção romântica. As referências não são gratuitas, pois o narrador apresenta o personagem como uma encarnação do espírito que presidia esses escritos. Nos cronistas do “descobrimento” e das primeiras expedições exploratórias, se o Major não encontrou já o sentimento da nacionalidade, encontrou o deslumbramento do europeu sedento das riquezas da terra “descoberta”, com

seus grandes rios e florestas esplêndidas. É nesses autores que o ingênuo Quaresma adquire a convicção de que a sua pátria possui as terras mais férteis do mundo, os climas mais amenos e propícios para o plantio, os maiores rios, enfim a visão do paraíso terreal (HOLANDA, 1994), que tanto alimentara o nacionalismo dos autores românticos, em quem o Major vai nutrir o amor e o orgulho pela pátria.

Vê-se que o teor da biblioteca é bastante coerente com o perfil intelectual e ideológico de Policarpo Quaresma. Os autores todos exaltam os valores da terra, mas aqueles em quem o sentimento nacional é mais forte são os seus prediletos: "o José de Alencar (todo)" e o "Gonçalves Dias (todo)". Os sucessivos equívocos do personagem representam os enganos que todo esse saber acumulado pela tradição foi incorporando ao longo dos anos, já que Policarpo constitui no romance a representação viva dessa tradição, pois é dentro dela que se forma sua personalidade, e é dela que se alimenta o seu pensamento.

Orientado pelo nacionalismo e movido pelo sentimento patriótico, Policarpo Quaresma empreende suas ações no sentido de realizar seus projetos de fortalecer as bases da nacionalidade. Passara muito tempo envolvido só em estudar o país em seus múltiplos aspectos, como nos diz o narrador, até chegar à "certeza" de que já conhecia bem e sabia quais os remédios a serem aplicados para a sua melhoria. E é com a certeza de conhecer profundamente o Brasil que o Major toma as primeiras atitudes, quando é levado a realizar grandes ações, as quais vão se configurar como desastres que só trariam sofrimento e desilusão ao velho patriota.

Na medida em que se aprofunda nos estudos brasilianistas, Policarpo Quaresma, que já parecia esquisito aos vizinhos, aos companheiros da repartição e mesmo à irmã Adelaide, torna-se mais esquisito, pois cada descoberta de uma "originalidade" brasileira gera uma ideia, que logo se transforma em ação. A primeira atitude do personagem a despertar curiosidade dos vizinhos é a tentativa de aprender a tocar violão. No acanhado meio suburbano em que se ambienta o romance, é isso visto com certo espanto, pois todos ali tinham em alta consideração o Major Quaresma, respeitado pela correção de caráter, pelos costumes austeros e acima de tudo pela sua erudição. E um homem na sua idade e nas suas condições, causava estranheza que passasse a envolver-se com o violão, instrumento usado por indivíduos de baixa extração social, por boêmios e seresteiros, também lembrado por ter sido, durante muito tempo, instrumento que se via nas mãos de

escravos, daí o seu baixo conceito. Portanto, não faltavam os motivos para que os vizinhos do Major Quaresma ficassem surpresos ao verem “entrar na sua casa, três vezes por semana e em dias certos, um senhor baixo, magro, pálido, com um violão agasalhado numa bolsa de camurça”, interrogam-se: “Um violão em casa tão respeitável! Que seria?” (p. 10). Daí a inquietação geral, que o narrador enfatiza com certa ironia: “Até da casa do general vieram moças à janela! Que era? Um batalhão? Um incêndio? Nada disto: o Major Quaresma, de cabeça baixa, com pequenos passos de boi de carro, subia a rua, tendo de baixo do braço um violão impudico” (p. 11).

Portanto, sendo o violão desprestigiado socialmente, os vizinhos de Policarpo Quaresma se surpreendem ao vê-lo abraçado ao instrumento, uma vez que o Major, homem idoso e instruído, conceituado funcionário de uma repartição pública respeitável (antiga Secretaria de Guerra), não se identificava com os "vadios" e boêmios tocadores de violão. Mas o interesse do personagem pelo violão era de outra natureza, tinha um motivo maior, não compreendido pela gente suburbana, nem mesmo pela sua irmã Adelaide, que não aceitava a ideia de o irmão tocar o desclassificado instrumento. Como tudo o mais na sua vida, o interesse do Major Quaresma era motivado pelo patriotismo, direcionado ao seu projeto de emancipação do país. Sua decisão de aprender a tocar o instrumento não era um simples capricho pessoal nem tampouco revelava alguma propensão para a vida boêmia, mas resultava de uma descoberta, aliás de uma das várias descobertas que o velho estudioso fizera a respeito dos costumes e das tradições da cultura brasileira. É que Policarpo Quaresma descobrira nos seus estudos patrióticos que “A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede” (p. 12), nos diz o narrador, para em seguida concluir dando voz ao personagem, que afirma: “É preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado” (p. 12).

Desse modo, Policarpo Quaresma tinha uma forte motivação para estimar o violão, que muito o ajudaria no projeto de transformar os costumes nacionais, que em sua opinião eram importados, impostos pelo colonizador, em detrimento da cultura nativa. Nessa direção já dera uma passo importante: “De acordo com a sua paixão dominante”, isto é, a paixão pelo Brasil, “Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poético-musical característica da alma nacional”, e

nisso “Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza que era a modinha acompanhada pelo violão”. Seguro da sua descoberta, “tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha”, e para isso “procurou saber quem era o primeiro executor e cantor da cidade e tomou lição com ele”, pois queria “disciplinar a modinha e tirar dela um forte motivo original de arte” (p. 19-20).

É justamente nesse momento da narrativa que surge a figura de Ricardo Coração dos Outros, cantor e compositor de modinhas afamado nos subúrbios, com o qual Policarpo Quaresma terá aulas de violão. Dá-se o encontro de duas figuras a princípio incompatíveis, o Major Policarpo Quaresma, homem estudioso, de posição respeitável na sociedade suburbana, funcionário exemplar da Secretaria da Guerra, muito considerado - e invejado - na repartição pelo seu saber; e Ricardo Coração dos Outros, um seresteiro dos subúrbios, onde tinha fama pelo seu talento de modinheiro e que, embora não fosse um capadócio, um malandro qualquer dos que andam "por aí" com o violão debaixo do braço, a sociedade dos bem postos o olhava com as lentes do preconceito, pois era antes de tudo um "tocador de violão". O encontro é inusitado e dá margem a muitos comentários dos vizinhos, ainda mais porque se transforma em amizade sólida, aliás uma das poucas amizades de Quaresma. É significativa a mútua estima que se dá em função do interesse mútuo que une os dois personagens em torno do violão: Quaresma encontra em Ricardo o artista capaz de difundir a genuína expressão nacional através da sua música, a modinha acompanhada do violão, ou seja, é um apoio artístico e “instrumental” para a divulgação da poesia nacional; já Coração dos Outros encontra em Quaresma o apoio moral e intelectual de que precisa para fortalecer sua carreira de compositor e cantor, conquistando o respeito da sociedade, uma vez que o Major é conhecido tanto pela seriedade e correção de caráter quanto pela erudição. O encontro é significativo também por sugerir a convergência entre a cultura popular e a cultura erudita, historicamente “separadas”, mas que se aproximam nos textos de Lima Barreto, o que seria uma das bandeiras do nosso Modernismo.

Como em muitos outros dos seus atos, a atitude de Policarpo em face da modinha é também equivocada e revela sua ingenuidade acerca das tradições culturais brasileiras. A crença em que a modinha seria a "expressão da alma nacional" não passa de um equívoco do velho patriota, pelo menos no sentido em

que ele concebia o elemento nacional, isto é, aquilo que tivesse origem no território brasileiro e não apresentasse qualquer influência estrangeira, uma espécie de “nacional por subtração”, para usar o termo de Roberto Schwarz (1987). É que a modinha, embora considerada um gênero de música brasileiro, é de origem europeia, mais precisamente dos países ibéricos, e teria chegado ao Brasil através dos colonizadores portugueses (CASCUDO, 1998, p. 583), daí o engano e a decepção de Policarpo Quaresma. Ainda de acordo com o folclorista potiguar, a modinha fora um gênero considerado nobre em Portugal, mas que se vulgarizou no Brasil, passando ao domínio de seresteiros e boêmios. Outro dado que também realça o equívoco de Policarpo é que na sua forma original a modinha era executada com acompanhamento do piano (*ibidem*, p. 585), e não de violão, como queria o personagem de Lima Barreto. Portanto, Quaresma engana-se duplamente: nem era a modinha a “expressão musical mais original da alma brasileira”, nem era o violão o instrumento que ela pedia.

3. EM BUSCA DAS ORIGENS PERDIDAS

É, sobretudo, quanto às tradições culturais que Policarpo Quaresma sentiu-se um tanto desconfiado da almejada originalidade brasileira. Há um episódio no romance bastante sugestivo sob este aspecto, a começar pelos motivos diferentes que levam Policarpo e o general Albernaz a saírem em busca do mesmo objetivo: encontrar cantigas da tradição popular e do folclore nacional para organizar uma festa genuinamente nacional. O narrador explora a ironia da situação ao dar ênfase deslocamento de posições, em que se combinam elementos incompatíveis, como era o sentimento que movia Quaresma (patriotismo), e o interesse que orientava o general Albernaz (amor da família e desejo de casar as filhas). Portanto, motivos opostos: em Quaresma, dominava um sentimento nobre, que não visava apenas a esfera privada da família, mas pretendia um alcance nacional, de interesse coletivo; em Albernaz, o sentimento era familiar, portanto pessoal, em nada tinha a ver com o bem público, restringindo-se à esfera doméstica.

Para arranjar um número (uma cantiga, um folguedo) do folclore nacional, os dois personagens vão à casa da “preta velha” Maria Rita (a expressão é do narrador), que teria sido agregada da família do general. O episódio tem um aspecto

bastante irônico, pois o que os dois procuravam exigia memória e lucidez, o que já não havia na “preta velha”, a qual sequer reconheceu o General Albernaz. A imagem é desoladora, revelando um estado da mais completa miséria, condição comum à maioria dos escravos e seus descendentes depois da Abolição, que ao serem dispensados pelos proprietários não encontravam ocupação digna como trabalhadores livres, o que os condenava muitas vezes ao estado de abandono e miséria (FERNANDES, 2007). Era essa a situação de Maria Rita, cujos gestos diante dos dois senhores revelavam “grandes saudades do tempo em que era escrava e ama de alguma grande casa, farta e rica” (p. 32), uma vez que o fim da escravidão oficial não lhe trouxe as condições mínimas necessárias para viver com dignidade.

Como tantas outras iniciativas de Policarpo Quaresma, a visita à casa de Maria Rita em busca das cantigas da tradição do folclore nacional acaba em frustração. Em Albernaz a decepção é a oportunidade que o velho militar perdia de arranjar casamento para as filhas; em Quaresma, a decepção tinha um motivo mais nobre. O Major sentia não apenas pelo fato de não poder mostrar para os seus compatriotas a riqueza da nossa cultura popular, para assim poder convencê-los da grandeza do Brasil e da originalidade da cultura nacional. Sentia intimamente que isso era sinal de fraqueza, pois todos os povos guardavam suas tradições, e se o povo brasileiro não o fazia faltava-lhe patriotismo, já que não tinha interesse em preservar a memória dos antepassados. Essa constatação decepciona Quaresma e abala suas convicções sobre o povo brasileiro e sua cultura, pois acreditava que sem uma cultura própria, solidamente enraizada em longas tradições o país não se tornaria a grande nação que ele desejava. O narrador assim descreve o estado de tristeza do personagem:

Os dous saíram tristes. Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardavam durante séculos. Tornava-se preciso reagir, desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivas nas memórias e nos costumes... (p. 32).

Mas Quaresma era tenaz no seu patriotismo, já havia estudado e meditado sobre a pátria e estava disposto a grandes atos no intuito de engrandecê-la, sentindo a necessidade e a urgência de "desenvolver o culto das tradições" para não deixar morrer a memória nacional e logo toma nova iniciativa. Ao saber da existência de um velho literato, "teimoso cultivador dos contos e canções populares do Brasil" (p. 32), vai ao seu encontro acompanhado pelo general Albernaz. Este é um dos episódios mais cômicos do livro, desde a estada dos visitantes na casa do velho poeta, pelas peças que este lhes apresenta como sendo as "preciosidades do nosso folclore", até o resultado, que quase termina em tragédia na casa do general. O velho colecionador lê para os dois senhores "Uma verdadeira epopéia cômica", o que é recebido pelos dois patriotas (cada um a seu modo e de acordo com seus interesses), com entusiasmo, mas a satisfação de Quaresma era singular, pois sentia que encontrara um aliado: "olhava para o velho poeta com o espanto satisfeito de quem encontrou um semelhante no deserto" (p. 33-34).

Chama-se "Tangolomango" o folguedo que os dois senhores arranjaram no encontro com o velho poeta. O Major Quaresma, cheio de entusiasmo pelo folclore nacional, é quem faz o "Tangolomango", e para isso veste-se a caráter, ornando-se com uma casaca do general e uma máscara. A ironia do episódio consiste em que Policarpo Quaresma sofre um desmaio por asfixia e, para acordar, é preciso tomar umas "sacudidelas", o que pode ser visto como um sinal para despertá-lo dos sonhos patrióticos. Entretanto, o fato não chega a decepcioná-lo por completo, sua decepção vem depois e é de outra natureza, não é pelo castigo físico. O Major descobrira que a maioria das nossas "tradições e canções eram estrangeiras" (p. 36), inclusive o "Tangolomango", que segundo Câmara Cascudo (1998) é de origem europeia (mais precisamente de Portugal e Espanha), e teria chegado ao Brasil através dos colonizadores. Trata-se de uma cantiga de roda em que no final de cada estrofe - na verdade é apenas uma quadra, que se repete com variação do quarto verso - uma menina (ou um dos participantes) "morre" ao retirar-se da brincadeira (PROENÇA, 1974).

O incidente, porém, não desanima Policarpo Quaresma, pelo contrário, torna-o mais obsessivo na busca das tradições e costumes dos nossos antepassados mais remotos, pois acreditava que só nos nossos ancestrais indígenas estariam as raízes da cultura brasileira, e portanto os elementos

fundamentais da identidade nacional. Passa então a estudar os costumes tupinambás, resolvendo organizar um código de relações, de cumprimentos e cerimônias domésticas baseado nos hábitos nativos. A pesquisa dos modos de cumprimentos tupinambás resulta numa das cenas mais cômicas do romance, que se dá quando Olga e Coleoni lhe fazem uma visita, Quaresma os recebe encenando um ritual tupinambá, como faziam seus ancestrais. Assim, quando bateram à porta, “Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha [...] ficaram estupefatos no limiar da porta” (p. 36). Face ao espanto de todos, Policarpo Quaresma justifica sua atitude argumentando que aquela era a verdadeira forma de cumprimentar dos brasileiros, porém desconhecida do povo pelo fato de prevalecer a cultura do colonizador.

A obsessão de Policarpo Quaresma o leva às atitudes mais extravagantes, o que lhe custa sucessivos fracassos e decepções. O seu nacionalismo radicaliza-se, torna-se presente em todas as suas atitudes e passa a dirigir todas as suas ações, seja espaço doméstico ou no ambiente do trabalho. No seu propósito de reformar o país, dotando-o de uma cultura original, a ação mais notável, tanto pela radicalidade quanto pela ingenuidade de sua concepção é o envio, ao Congresso Nacional, de um requerimento pedindo a substituição da língua portuguesa pelo tupi-guarani como língua oficial do Brasil. Essa atitude extrema do personagem esbarra na preguiça e na incompreensão dos legisladores, que sequer levam em consideração a leitura do documento pelo secretário da sessão. Inspirado nos mais nobres ideais, o documento redigido pelo Major Quaresma torna-se motivo de escárnio e acaba por levá-lo ao hospício, onde é internado como louco. O requerente não apenas propõe, mas esclarece seu propósito com argumentos bem fundados, demonstrando convicção e conhecimento de causa:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; [...] usando do direito que lhe confere a constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. [...] a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e portanto, a

emancipação política do país requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática (p. 59-60).

Este episódio, ao mesmo tempo em que expõe o personagem ao ridículo (haja vista tratar-se de uma proposta extravagante e “absurda”), sugere uma crítica ao pensamento de setores da intelectualidade brasileira cuja origem remete aos escritos ufanistas que celebram as grandezas e belezas da terra e da cultura brasileiras, em que se podem incluir os relatos dos primeiros cronistas e os textos do nosso Romantismo. Trata-se do nativismo e do indianismo dos românticos, em que se sobrevalorizam e seus elementos nativos, em particular a cultura aborígine, idealizados como fontes primordiais da brasilidade. Cabe ressaltar que esse indianismo - o de Quaresma - é diferente do indianismo de José de Alencar, pois este valoriza no gentio não os traços que lhe são próprios e verdadeiros, mas aqueles que levam à sua passividade em face do colonizador português e à facilidade de adaptação à cultura deste último, como se vê nos romances *Iracema* e *O guarani*, obras paradigmáticas do nosso indianismo na sua vertente “sacralizadora”, para usar o termo de Zilá Bernd (2003).

Sob este aspecto ressalta-se a posição de Lima Barreto, a independência e o seu distanciamento crítico em relação às tendências da cultura e da literatura brasileira, posição esta que não foi a única nem a primeira, mas que permite situá-lo entre aqueles escritores mais lúcidos, que assumiram uma postura crítica diante das várias tendências que se configuraram na literatura brasileira, mesmo antes do Modernismo. É o caso de Machado de Assis, que no *Instinto de nacionalidade* discorre sobre as possibilidades e limitações do elemento indígena como motivo na literatura brasileira. O ensaio é de 1873, e nele Machado já adverte para as limitações do indianismo e de certa forma já percebe seu esgotamento, salientando que outros escritores também manifestavam tal sentimento:

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo (ASSIS, 1997, p. 20).

Portanto, um nacionalismo limitador, que negava qualquer contribuição da cultura universal para a formação da identidade e da cultura nacional, como era o nacionalismo representado pelo personagem de Lima Barreto, era “rejeitado” por Machado de Assis, uma das referências da nossa literatura mais crítica e irreverente. Tal atitude, sob muitos aspectos tem sequência na obra de Lima Barreto e dos modernistas, que ao rejeitarem as fontes idealizadoras das nossas origens, optaram por uma literatura que, ao invés de celebrar e sacralizar os nossos mitos fundadores, questiona seus fundamentos.

O contraste e o deslocamento de posições dão a tônica da sátira no *Triste fim* e no episódio do requerimento isso aparece de forma ostensiva. Se é extravagante a atitude do Major Quaresma ao fazer tal proposição, não é menos patético o comportamento dos congressistas, a quem é dirigido o documento, como descreve o narrador:

O burburinho e a desordem que caracterizam o recolhimento indispensável ao elevado trabalho de legislar não permitiram que os deputados o ouvissem; os jornalistas, porém, que estavam próximo à mesa, ao ouvi-lo, prorromperam em gargalhadas, certamente inconvenientes à majestade do lugar. O riso é contagioso. O secretário, no meio da leitura, ria-se, discretamente; pelo fim, já ria-se o presidente, ria-se o oficial da ata, ria-se o contínuo - toda a mesa e aquela população que a cerca, riram-se da petição, largamente, querendo sempre conter o riso, havendo em alguns tão franca alegria que as lágrimas vieram (p. 58-9).

Ora, o burburinho e a desordem que havia no Congresso dão a medida da seriedade, do civismo e do espírito público que caracterizam os parlamentares. É a desordem, a falta de postura ética e moral que dão a tônica na mais elevada das instituições políticas, aquela que zela pelo destino da nação e pela soberania da pátria, com que o Major tanto sonhava. Tamanhos são aí os desajustes que inviabilizam qualquer alternativa para o "desenvolvimento" do país, como o projeto utópico de Policarpo Quaresma, que sonhava com uma nação próspera e uma pátria soberana, sobretudo com uma “cultura independente”. Já se projeta aí o fracasso inevitável de Policarpo, tanto pelo que ele propõe, impossível de realizar-se, quanto pelos meios de execução do projeto, uma vez que para a sua realização era necessária a compreensão e o empenho de homens públicos (legisladores), os quais se mostram inteiramente desqualificados para as funções que exercem.

Portanto, em tais circunstâncias inexitem as possibilidades de desenvolver o país através da cultura, como queria Policarpo Quaresma, que investe todos os esforços no sentido de contribuir para a conquista da independência cultural do país e para a construção da identidade nacional. O resultado dos esforços do personagem tem uma dose de ironia trágica, pois se num primeiro momento é considerado louco e internado no hospício, no final do romance é executado pelas tropas florianistas (na Revolta da Armada), acusado de trair e conspirar contra a pátria, ele que empregara toda a sua vida em trabalhar por ela. Essa ironia estrutural de que nos fala Lukács (2003), em que as aspirações e ações do herói são incompatíveis com o seu meio é um aspecto crítico importante do romance de Lima Barreto. O Major Quaresma passa a maior parte da vida estudando, pensando, planejando grandes reformas para o país, e quando sente que é tempo de agir, de sair do pensamento para a ação, age de forma ousada, porém esbarra na ignorância e na incompreensão dos homens que controlam as instituições do país, e colhe apenas desilusões. O limite dessa situação é a sua loucura, quando se percebe - ele mesmo chega a perceber - o abismo que o separava da sociedade e dos seus semelhantes. É o que constata ao ser interpelado por Ricardo, quando saía da repartição, profundamente angustiado:

- O major, hoje, parece que tem uma idéia, um pensamento muito forte.
- Tenho, filho, não de hoje, mas de há muito tempo.
- É bom pensar, sonhar consola.
- Consola, talvez; mas faz-nos também diferentes dos outros, cava abismos entre os homens... (p. 73).

A loucura de Quaresma e seu internamento no manicômio constitui o coroamento de uma trajetória inglória na busca de reformar os costumes e dotar o país de uma cultura própria, de bases nativas. Na primeira parte do romance (à qual se refere este trabalho) Policarpo Quaresma atua na esfera da cultura e empreende seus esforços no sentido de transformar a pátria por meio de uma mudança radical na cultura, incluindo a língua. Procura então mudar os costumes e hábitos do Brasil, substituindo-os pela cultura indígena, para ele a única genuinamente brasileira, projeto que se mostra equivocado e redundante em fracasso, o que revela a visão crítica do narrador de Lima Barreto em relação aos discursos de orientação nacionalista, sobretudo aqueles que idealizam nosso passado indígena, tal como faz

uma vertente da nossa prosa romântica. Desse modo, o romance em estudo problematiza o processo de construção da identidade nacional, possibilitando ao estudioso da literatura refletir sobre aspectos importantes da formação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – instinto de nacionalidade. In: *Crítica e variedades*. São Paulo: Globo, 1997, 17-28.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edición crítica, Antonio Houaiss y Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordinadores. 1ª edición Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997. (Arquivos, 30).

BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. 2 ed. Edita da UFRGS, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Ediouro, s/d.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: global, 2007.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia N. de. *Trincheiras de sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

GODMANN, L. *A sociologia do romance*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LUKÁCS, Gerog. *A teoria do romance*. São Paulo: duas Cidades; ed. 34, 2000.

PROENÇA, Manuel Cavalcante. *Roteiro de Macunaíma*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29-48.

Recebido em 20 de março de 2012.

Aceito em 12 de junho de 2012.